



EDUCADORES POPULARES DO MOVA EM GUAIANASES/SP E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA.

POPULAR EDUCATORS OF MOVA AT GUAIANASES/SP AND THE CONTINUOUS EDUCATION CHALLENGES

LUIZ CARLOS FREDERICK¹
frederickalves@uol.com.br

ANGELA MARIA MARTINS²
Ange.martins@uol.com.br

RESUMO

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado que levou o título: “Análise do programa de formação continuada do MOVA/AVIB: a voz de educadores populares”. Este trabalho tem por objetivo compreender a apreensão de educadores do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) sobre a participação ativa de educadores e educandos no processo de alfabetização para além da leitura e da escrita a partir do referencial teórico e do legado do educador Paulo Freire; e também compreender o processo de formação continuada, realizada pela Associação dos Voluntários Integrados no Brasil (AVIB), no Bairro de Guaianases em São Paulo. Neste texto analisam-se especificamente a visão freiriana de alfabetização, as características históricas de construção do MOVA na cidade paulistana e a estrutura do programa de formação continuada ofertada pela referida entidade. Conclui-se que programas governamentais, quando realizados em parceria com entidades sem fins lucrativos, merecem ser objeto de monitoramento mais acurado.

Palavras-chaves: MOVA • Educação continuada • Docentes • Programas de alfabetização

ABSTRACT

This article is part of a master thesis named “Analysis of the Continuing Education Program of MOVA/AVIB: the voice of popular educators”. The objective of this work is to understand the worries of the educators from the MOVA – “Movement for the Literacy of Youth and Adults” about how educators and students are participating in the process of literacy beyond reading and writing taking as a theoretical reference the studies of the educator Paulo Freire and also to understand the continuing education process realized by AVIB – Association of Integrated Volunteers in Brazil in the neighborhood of Guaianases in São Paulo City. This text analyzes Paulo Freire’s views of literacy, the historical characteristics of the construction of MOVA in São Paulo City and the structure of the program of continuing education offered by the mentioned entity. It can be concluded that government programs, when realized in partnership with nonprofit entities, should be monitored more accurately.

KEY WORDS: MOVA • Education, continuing • Faculty • Education

¹ Luiz Carlos Frederick, Mestre em Educação pela universidade Cidade de São Paulo (UNICID), orientado pela Doutora Ângela Maria Martins.

² Angela Maria Martins. Professora do Mestrado em Educação/Unicid. Pesquisadora Sênior da Fundação Carlos Chagas. Vice-Presidente da Anpae-sudeste.



INTRODUÇÃO

Conforme apontamentos da educadora Martins (2000), discutir aspectos documentais de programas de governo implica em realizar análises parciais de dinâmicas que se instauram quando educadores atuam em sua realidade cotidiana. Porém, pretende-se, neste trabalho, contribuir para o debate instaurado decorrente das questões que afetam milhares de jovens e adultos que se encontram fora do curso regular de escolaridade, ausentes do processo de alfabetização e, de certa maneira, excluídos do conhecimento sistematizado.

Entretanto, apesar dos limites da análise realizada nestes moldes, pretende-se discutir a concepção do educador Paulo Freire sobre alfabetização e educação popular, aspectos de surgimento do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) no município de São Paulo e, na sequência, analisar a estrutura e dinâmica do processo de formação continuada de educadores populares que atuam na entidade Associação dos Voluntários Integrados no Brasil (AVIB), um projeto destinado a atender jovens e adultos em situação de analfabetismo que contribui para a leitura da realidade social e política.

Sua história se inicia no período em que o educador Paulo Freire exerceu a função de Secretário Municipal de Educação do Município de São Paulo, 1990 a 1992, quando, dialogando com os grupos populares que trabalhavam a alfabetização, entenderam a necessidade do poder público de realizar parcerias com a sociedade civil para o fortalecimento desse trabalho.

Com as mudanças da gestão municipal e a não efetivação do MOVA como um programa de governo surgiram muitas dificuldades que, no entanto, não impediram

a continuidade de suas ações. Em 2001, o MOVA, tornou-se política pública, tendo suas diretrizes definidas pela Secretaria Municipal da Educação, construindo um Projeto Político Pedagógico e adotando uma metodologia de trabalho que privilegia a denominada “educação libertadora”². Num segundo momento, o texto apresenta a importância da formação de educadores e de sua formação continuada, no âmbito da Associação dos Voluntários Integrados no Brasil (AVIB), com destaque para a voz dos próprios educadores os quais apontam propostas e sugestões para melhorar a formação o que ocorre às sextas-feiras, e tem sido um dos pontos altos do processo formativo.

COMO PAULO FREIRE CONCEBE A ALFABETIZAÇÃO

Paulo Freire (2001) descreve a população não alfabetizada como aquela que vive geralmente de subemprego, que se dedicam a profissões que não exigem habilitação específica (auxiliares na construção civil, faxineiras...); o nível de renda é insuficiente até para a satisfação de necessidades básicas como alimentação e moradia; habita nas periferias, nas ocupações, favelas ou cortiços, nos chamados bairros populares; consome grande parte de seu tempo no transporte e não tem acesso ao lazer; e a maioria da população analfabeta é constituída por mulheres.

Para ele, o analfabeto é aquele que vive nas grandes cidades, a qual altera as condições de moradia e de vida e tais condições só se alteram pelas lutas coletivas dos trabalhadores por mudanças estruturais da sociedade.

Em Freire (1987), constata-se que o analfabetismo aparece numa visão ingênua ou astuta como a manifestação da incapacidade



dade do povo, de sua pouca inteligência, de sua preguiça. A partir dessa perspectiva a alfabetização “se rende ao ato mecânico de depositar palavras, sílabas e letras nos alfabetizando. Esse depósito é insuficiente para que os alfabetizando comecem a afirmar-se, uma vez que, em tal visão, se empresta à palavra um sentido mágico” (FREIRE, 1987, p. 15).

E observa que geralmente os textos das cartilhas de alfabetização nada tem a ver com a experiência existencial dos alfabetizando. Pois estes adultos são tratados de maneira paternalista, às vezes infantil, como passivos, receptores das letras.

Paulo Freire (ibidem, 1987) se contrapõe a essa visão deturpada, apresenta uma concepção crítica, em que:

O analfabetismo nem é uma chaga, nem uma erva daninha a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta. Não é um problema estritamente linguístico, nem exclusivamente pedagógico, metodológico, mas político, como a alfabetização por meio da qual se pretende superá-lo e proclamar sua neutralidade, ingênua ou astutamente, não afeta em nada a sua politicidade intrínseca (FREIRE, 1987, p. 18).

Os alfabetizando deverão perceber outro aprendizado: escrever a sua vida, ler a sua realidade, daí a importância de tomar a história nas mãos para fazer e refazer. E acrescenta que “a primeira experiência prática que a concepção crítica da alfabetização se impõe é que as palavras geradoras com as quais os alfabetizando começam sua alfabetização como sujeitos do processo sejam buscadas em seu universo vocabular mínimo! Que envolve sua temática significativa” (p. 21).

A partir dessa perspectiva, o analfabeto é colocado como aquele a quem foi nega-

do o direito de ler; ninguém é analfabeto por escolha, mas como consequência das condições objetivas em que se encontra.

Paulo Freire (1987) apresenta o processo de alfabetização como uma ação cultural para a libertação, em que o educando assume um papel de sujeito em relação ao educador.

Para que haja esse processo de alfabetização, para que seja um ato de conhecimento, é necessário estabelecer uma relação de diálogo autêntico que os alfabetizando, “assumam desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores, aprender a ler e escrever já não são, pois memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem” (p. 59).

Assim, aprender a ler e escrever envolve ação e reflexão. O significado de dizer a palavra é profundo: é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar. O ato de conhecer “envolve um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela e desta a uma nova ação. Para o educando conhecer o que antes não conhecia, de se engajar num autêntico processo de abstração por meio do qual reflete sobre formas de orientação no mundo, em que se sobrepõem momentos de sua cotidianidade” (p. 60).

Sublinha o sentido da pronúncia do mundo, onde o processo de alfabetização deve relacionar o ato de transformar o mundo com o ato de pronunciá-lo. E ao referir-se ao diálogo educador-educando, tal diálogo não tem nada a ver, “de um lado com o monólogo do educador ‘bancário’, de outro, com o silêncio espontaneísta de certo tipo de educador liberal, o diálogo engaja ativamente a ambos os sujeitos



do ato de conhecer, educador-educando e educando-educador” (p. 61).

Nesse sentido, a alfabetização é vista como um processo que envolve educador e educando na busca de dar sentido à vida e ao mundo em que se está inserido. Como veremos, o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) idealizado por Freire e sua equipe em conjunto com representantes dos movimentos sociais de educação popular explicita o desejo de organização e superação do analfabetismo, resgatando o direito à pronúncia da palavra em vista de contribuir nas transformações da sociedade.

INÍCIO E DESENVOLVIMENTO DO MOVA/SP E SEUS DESDOBRAMENTOS

O Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) foi formulado e implementado na cidade de São Paulo no final dos anos 1980, nascendo das experiências de alfabetização desenvolvidas pelos Movimentos Populares, sobretudo em parceria com a Administração Popular e Democrática instaurada a partir de 1989, na tentativa de responder à necessidade de enfrentar a situação de analfabetismo que caracteriza uma parcela significativa da população de jovens e adultos da cidade de São Paulo. O MOVA/SP foi criado pelo Decreto-lei 28.302, de 21 de novembro de 1989, assinado pela Prefeita Luísa Erundina de Sousa (1989-1993).

De acordo com Macena (2009), as práticas de movimentos sociais de educação de jovens e adultos na Zona Leste existiam desde 1987, quando as pessoas que participavam desses projetos não queriam apenas ler e escrever, mas procuravam se envolver efetivamente nas questões sociais em defesa de direitos e do exercício da cidadania. O autor aponta que havia diver-

sas experiências na cidade de São Paulo e analisa, dentre outras, a que foi implementada por Francisco de Assis Ferreira, presidente fundador do Centro de Educação da Zona Leste, o que resultou na criação do MOVA.

O próprio Freire (2001) testemunha o surgimento do MOVA, quando afirma que este se originou a partir de grupos populares que desenvolviam trabalhos de alfabetização e junto com outros setores, como as Universidades e as Igrejas, criou 2000 núcleos para atender 60.000 pessoas. Os objetivos eram: reforçar e ampliar o trabalho dos grupos populares que já trabalhavam com a questão, possibilitar aos educandos uma leitura crítica da realidade, desenvolver a consciência política e reforçar o incentivo à participação popular e a luta pelos direitos sociais do cidadão.

Ao tratar da importância do MOVA/SP para que este se tornasse uma política de governo, o educador Paulo Freire afirma:

A questão da alfabetização não é de natureza técnica. As questões principais na alfabetização são de natureza política, ideológica e científica e que se juntam aspectos técnicos necessários. O ponto de partida é a decisão, a vontade política de fazer, a arremetida dos recursos e a formação rigorosa dos educadores e das educadoras (FREIRE, 2001, p.118).

Observa-se que a criação desse projeto de educação não tinha como objetivo simplesmente suprir as dificuldades da não alfabetização, de ensinar a leitura e a escrita, mas eram outras questões de cunho social e político que estavam colocadas naquela conjuntura. Kunrath (2006) evidencia que a denominação de movimento de alfabetização, “traz em si a noção de mobilização, engajamento dos grupos organizados da sociedade civil, do constante movimento de participação dos grupos que desenvol-



vem alfabetização de jovens e adultos” (p. 4).

Quando o MOVA/SP foi criado, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989) tinha este objetivo geral:

Possibilitar ao educando jovem e adulto o processo construtivo de ampliação do próprio conhecimento através da intervenção sistemática do educador e a vivência com os colegas, numa relação dialógica. Sendo assim, na formulação dos princípios e diretrizes metodológicos não poderão faltar os subsídios da educação libertadora, do modelo construtivista-interacionista do conhecimento e dos modernos estudos sobre a linguagem. (SÃO PAULO, 1989, p.9-10).

Segundo Pontual (1996), o MOVA sofre um grande abalo com a não continuidade do Partido dos Trabalhadores no governo da cidade e ocorre uma tentativa de acabar com esse programa. No ano de 1993, com a eleição de Paulo Maluf (cuja posse se deu em janeiro de 1994) e com a eleição de Celso Pitta (cujo mandato se desenvolveu entre 1997 a 2000), a parceria da Prefeitura com a sociedade civil foi extinta enquanto programa ligado à Secretaria de Educação. O objetivo das duas últimas gestões era substituir o MOVA por outro projeto de alfabetização a partir de outras formas de parceria da Prefeitura Municipal de São Paulo com empresários da construção civil, lançando mão de metodologias diferentes das que haviam sido adotadas até então.

O MOVA passa por oito anos (1993 - 2000) de árduos trabalhos, na avaliação de Kunrath (2006), para manter-se em ação. Nesse período, buscaram-se alternativas de financiamento e subsistência, porém, o número de classes e de educandos diminuiu significativamente. Nesse processo de mudança, as ONGS procuram dirigir a própria formação dos educadores, o plane-

jamento das atividades didáticas e a elaboração da proposta político-pedagógica.

A reconstrução do MOVA realizou-se quando representantes dos movimentos de alfabetização do Fórum do MOVA/SP procuraram o novo Secretário de Educação na gestão da Prefeita Marta Suplicy (2000 - 2004) - para propor o resgate da parceria com o MOVA, retomada em setembro de 2001.

Assim, segundo Kunrath (2006), a operacionalidade do programa ficou a cargo das organizações conveniadas que organizam as classes de alfabetização e cumprem o termo de convênio, que determina um número mínimo de 20 educandos matriculados e frequência mínima diária de 15 educandos, com idade mínima de 14 anos para ingresso. Definiu-se também que as atividades aconteceriam quatro vezes por semana, reservando-se as sextas-feiras para a formação pedagógica de educadores e coordenadores.

Os educadores são denominados monitores, devem ter no mínimo o ensino fundamental concluído e experiência na alfabetização de jovens e adultos, sendo que o coordenador deve ter o ensino médio e também ter experiência na função.

As salas de aula e os núcleos de alfabetizando situam-se próximo da residência dos educandos, de salões de Igrejas – quer sejam Católicas, Evangélicas ou dos Centros Espíritas – bem como das sedes de Organizações Não Governamentais. A maioria desses espaços se localiza nas periferias, nos bairros, nas favelas, enfim nas comunidades onde as escolas não conseguem atender à população jovem e adulta em idade de escolarização, que se encontra fora da escola.



De 2001 em diante, na proposta de parceria, cabia ao movimento pensar e realizar a ação alfabetizadora e, ao Governo Municipal, apoiar financeira e materialmente os núcleos do MOVA, fomentando novos grupos onde estes não existissem para auxiliar na elaboração de orientação político-pedagógica e garantir a formação para os grupos.

A FORMAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO DE EDUCADORES POPULARES DO MOVA/SP

A formação de educadores populares é um dos eixos do MOVA, considerando-se que todas as instâncias do programa são espaços de apropriação e construção de conhecimento: a mobilização que ocorre nas entidades para formalizar o convênio; os encontros no interior das próprias organizações; a participação nos Fóruns Municipais e Regionais do MOVA; as reuniões pedagógicas e os encontros de formação de educadores e coordenadores desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação.

Segundo Kunrath (2006), o MOVA compreende a educação como processo integral e contínuo; assim, a formação dos educadores deve ser permanente, com vistas a estabelecer um compromisso com os educandos e a sociedade, na busca de uma prática pedagógica que possibilite a criticidade, a reflexão e a construção coletiva do processo pedagógico.

Ao tratar da importância da formação de educadores, o Projeto Político Pedagógico do MOVA/ SP considera que:

A formação do educador de jovens e adultos pressupõe que ele se assuma enquanto sujeito da ação pedagógica. Isso implica agir sobre sua prática, decidindo coletivamente sobre a realidade de sua sala de aula e construindo um trabalho a par-

tir dela, sempre tendo como referência a concepção de educação que anima esse processo. Assim, o seu procedimento será o de ação-reflexão e ação na articulação constante da prática e da teoria... O programa requer a garantia de um processo de formação permanente dos (as) educadores (as) de modo que se acompanhe a prática educativa dos núcleos de forma participativa, ativa e crítica. (SÃO PAULO, 2001, p. 4 e 6).

Desde 2002, tem ocorrido em toda a cidade de São Paulo a Semana de Alfabetização no mês de setembro em datas próximas ao Dia Internacional da Alfabetização, 08 de setembro. Essa proposta contempla atividades para envolver todos os participantes do MOVA de forma regionalizada, possibilitando o envolvimento dos educandos, educadores, supervisores das entidades conveniadas e das Diretorias de Ensino. Um dos objetivos da Semana de Alfabetização foi trazer a possibilidade da expressão cultural e artística dos educandos do MOVA, assim como discutir temas em debate na cidade e no país.

As atividades diárias em alfabetização não podem ser uma acumulação linear, de fragmentos isolados de informações, mas um conjunto sistemático e sequencial de ações orientadas por pressupostos claramente delineados e assumidos. Ao tratar da importância da metodologia que se aplica no MOVA, Ferreira (1996) afirma que:

A alfabetização exige um referencial teórico; toda prática já implica uma teoria que a fundamenta e não há prática neutra, ela é sempre política, supõe sempre uma visão de mundo, de sociedade, de homem. Supõe então um projeto histórico, uma teoria do conhecimento, opção por uma concepção de educação e uma concepção metodológica. Portanto, a teorização não é um processo de imposição de ideias alheias ou do pensamento já ela-



borado por especialistas e cientistas renomados. Por outro lado, a teorização não é um processo meramente pessoal. É ao mesmo tempo pessoal e coletivo. O mais importante, então, é aprender a teorizar, apropriando-nos dos métodos e técnicas de conhecimento e colocando-nos numa atitude de questionamento constante sobre os fatos, fazendo nossas análises, deduções e generalizações, recriando o objeto conhecido, integrando-o num todo orgânico, atingindo níveis cada vez mais altos de síntese (FERREIRA, 1996, p.52).

OS EDUCADORES DO MOVA/AVIB EM GUAIANASES: PROTAGONISMO NA FORMAÇÃO CONTINUADA

A Associação dos Voluntários Integrados no Brasil (AVIB) surgiu em 1985 e foi idealizada pelo religioso italiano, Padre Jorge Gagliani, comprometido com a defesa dos direitos das Crianças e Adolescentes. A ONG é formada por um grupo de voluntários motivados pelo ideal de levar adiante ações que contribuam com a diminuição da violência e da exclusão social da população mais empobrecida de Guaianases, localizada no extremo da Zona Leste de São Paulo. Compreende os distritos do Lajeado e de Guaianases, cuja Subprefeitura leva o mesmo nome e faz divisa com a subprefeitura da Cidade Tiradentes, Itaquera, Itaim Paulista, São Miguel Paulista e o Município de Ferraz de Vasconcelos. Possui uma população estimada em 296.509 habitantes, destes 111.325 vivem no distrito de Guaianases e 185.184 pertencem ao distrito do Lajeado, dos quais 29,50% da população vivem em vulnerabilidade alta e muito alta, colocando Guaianases em oitavo lugar com um dos piores índices em relação à alta vulnerabilidade social, conforme dados do Censo de 2010²

O bairro de Guaianases tem uma história de 150 anos, constituído por migrantes, de diferentes lugares da cidade e de outras

regiões do país, que se concentraram num território de cerca de 20 quilômetros quadrados. Tal fenômeno ocorreu, sobretudo na década de 80, com as ocupações urbanas, organizadas pelo Movimento Sem Terra da Zona Leste, com os grandes complexos habitacionais e atualmente com os programas do governo estadual, o CDHU e os condomínios populares. É considerado um bairro dormitório, pois não possui indústrias de grande porte, o comércio é local, de pequeno porte e a população se desloca para outras regiões de São Paulo ou cidades vizinhas, como: Guarulhos, Osasco, Santo André, São Bernardo com intuito de trabalhar.

É também na década de 80 que se nota uma efervescência dos movimentos reivindicatórios e sociais que se organizam para conquistar a moradia, saneamento básico, luz, pavimentação de rua, creche, áreas de lazer, espaços de cultura, hospitais, postos de saúde e educação. Com as ocupações massivas, cresce também significativamente as organizações populares, anco-radas pelos setores progressistas da Igreja Católica através das Comunidades Eclesiais de Base e das Pastorais Sociais. Com o crescimento do Partido dos Trabalhadores e de um núcleo do partido Comunista do Brasil, inúmeras ONGS são formadas no bairro.

Portanto, é nesse contexto que a AVIB tem o seu surgimento e define como sua missão: democratizar o acesso às políticas públicas através dos serviços sociais de qualidade, fortalecendo a autonomia, a mobilização social e a garantia de direitos (LOPES, 2010).

O primeiro projeto trabalhado pela ONG foi uma Casa de Acolhida, que funcionou por 14 anos, atendendo crianças e ado-



lescentes em situação de risco ou vítimas da vulnerabilidade social. Atualmente desenvolvem-se outros projetos, tais como, Núcleos de Apoio às Famílias, Programa de Atenção Integral às Famílias, Centro de Juventude, Jovens Urbanos, Pastoral da Criança, Casa Viviane dos Santos, Núcleo de Atendimento às Mulheres Vítimas da Violência Doméstica e grupos de MOVA.

O MOVA é um dos principais programas da AVIB e tem uma história de mais de doze anos em Guaianases. Promove ações educativas para contribuir com o processo de Alfabetização de jovens e adultos⁴ proporcionando elementos para o pleno desenvolvimento humano através desse processo, em consonância com o pensamento de Paulo Freire. Desde o ano de 2001, iniciou-se a parceria com a Secretaria Municipal de Educação, em que se atendem 22 núcleos educativos, com uma média de 300 Educandos, 22 Educadores, e 03 Coordenadores.

A formação continuada desses educadores ocorre de diferentes formas: participação de seminários e oficinas promovidos pela Secretaria Municipal de Educação através da Supervisão da Diretoria Regional de Ensino, atividades formativas feitas pelos Fóruns do MOVA/SP e pelo Fórum da Leste. Outro momento importante de formação têm sido as Semanas de Alfabetização. Em Guaianases, em 2010, as atividades se realizaram de 13 a 17 de setembro no Centro Educacional Jambeiro (CEU) e contou com a participação de 04 ONGS que tem convênios com o MOVA, dentre elas, a AVIB. A participação dos educandos e educadores foi considerada significativa e no decorrer da semana foram diversas as atividades pedagógicas, culturais e sociais. Contou-se com sarau poético, apresentação de trava-línguas, coral, danças, ofici-

nas culturais, teatros de fantoches, depoimentos de educandos e educadores sobre as práticas pedagógicas e as conquistas na compreensão da leitura das letras e do mundo. (SÃO PAULO, 2010).

Entretanto, um ponto a ser examinado com mais atenção diz respeito à formação continuada implementada às sextas-feiras, quando todos os educadores se reúnem para estudo de temáticas importantes, trocas de experiências pedagógicas, planejamento, e cronograma de ações e compreensão do Projeto Político Pedagógico a partir da realidade em que os grupos de base estão situados. No termo de convênio do MOVA, afirma-se na subcláusula primeira: "As atividades de planejamento e formação permanente de coordenadores, monitores serão desenvolvidas por no mínimo três horas semanais às sextas-feiras em local a ser fixado pelo NAE, ouvindo-se a conveniada" (SÃO PAULO, 1992).

Nesses encontros de formação organizados pela própria Entidade Conveniada, os coordenadores do MOVA têm a tarefa de planejar e articular esse momento, tendo como enfoque principal as questões de organização interna mais específica, resolução de dúvidas e discussão sobre as demandas específicas dos educadores.

O eixo de análise seguinte retrata um dos pontos centrais da pesquisa, quando sistematiza a opinião dos educadores⁵ sobre propostas para melhorar a formação continuada nos encontros formativos às sextas-feiras, agrupados por temas recorrentes.

ANÁLISE DE PROPOSTAS PARA MELHORAR A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS EDUCADORES DA AVIB ÀS SEXTAS-FEIRAS

O primeiro aspecto apontado por 04



educadores destacou a necessidade de possibilitar mais momentos formativos, ou seja, a formação é um desafio a ser buscado constantemente. Kunrath (2006, p. 07) expressa a necessidade da reflexão crítica:

Como apontamento de alternativas para contribuir na superação das dificuldades na formação dos educadores populares, é necessário possibilitar aos mesmos a apropriação de habilidades pedagógicas para que eles mesmos possam conduzir o processo de ensino aprendizagem, bem como, ter condições de refletir criticamente sobre questões sociais, políticas e econômicas. Isso seria pelo menos, uma tentativa de garantir que o trabalho desenvolvido por esses agentes populares tenha condições de assegurar que os objetivos educacionais traçados pelos programas/projetos/movimentos sejam alcançados. (KUNRATH, 2006, p. 07).

Como já abordado neste trabalho sobre a formação continuada dos educadores do MOVA/SP na realidade de Guaianases, a formação adquire uma exigência indispensável para que o processo da educação popular possa acontecer coerente e eficazmente. Dussel (1977, p. 133) expressa tão bem essa necessidade quando afirma com

propriedade que o mestre, o educador, assim como o discípulo, entendido como educando, são sujeitos do aprender e não depositários do conhecimento:

(...) o mestre e o discípulo sempre têm algo a aprender (desde o nascimento até a morte)... nenhum discípulo é puramente discípulo; nenhum mestre é puramente mestre, também o que o mestre aprende, aprende-o a partir da novidade do projeto do jovem. Todo mestre deve ensinar mais do que simplesmente já dado anteriormente; deve ensinar de maneira crítica o modo como isso foi alcançado; não transmite o tradicional, mas revive as condições que o tornaram possível como novo, como único, como criação. (DUSSEL, 1977, p. 133)

Outra questão acentuada por vários educadores é a necessidade de se investir na formação através de oficinas temáticas, de inclusão, artesanato, leitura e libras o que indica a carência de oficineiros especialistas nas diversas áreas para ajudar a enfrentar os desafios pedagógicos. O MOVA/SP tem valorizado a importância da utilização das oficinas nos encontros formativos dos educadores, conforme en-

Destaques observados pelos educadores:	Opinião dos educadores
Necessidade de mais momentos formativos	04
Oficinas temáticas	04
Oficinas de inclusão	03
Oficinas de artesanato	02
Incentivo da ONG para que os educadores façam Curso Superior	02
Curso de Libras	01
Oficina de Leitura	01
Utilização de mídias (DVD, filmes)	01
Cantinho de leitura em cada núcleo	01
Utilização de mais dinâmicas	01
Estudar a alfabetização de Jovens e Adultos	01
Maior inserção nos Movimentos Sociais	01
Fortalecimento do trabalho coletivo	01
Necessidade de mais informações	01



fatizado por Santos (1996, p. 39):

Tentando superar as dificuldades surgidas em salas de aula, foram realizadas oficinas que discutiram a prática do ensino interdisciplinar da Língua Portuguesa, de matemática, de Geografia, de História, entre outros... As oficinas realizadas contavam com a participação dos servidores, pois eles também sentiam as dificuldades vividas pelos monitores (SANTOS, 1996, p.39).

A questão da inclusão apresenta-se como um importante desafio a ser discutido na educação formal e também na educação de jovens e adultos; no MOVA não tem sido diferente. Praticamente em todos os núcleos do MOVA/AVIB há um educando com necessidade especial. Em um desses núcleos, há uma especificidade interessante: metade dos educandos tem alguma necessidade especial, exigindo assim ações pedagógicas diversificadas. Segundo o relato da educadora que acompanha esse grupo específico, esses jovens e adultos passaram por várias escolas públicas, sendo geralmente pouco notados, no entanto no grupo do MOVA sentiram-se acolhidos e respeitados no seu processo de alfabetização. Esse exemplo ajuda a compreender a necessidade de ter formação específica para lidar com situações similares, o que justifica a importância das oficinas.

Outro aspecto explicitado por os educadores é a necessidade do incentivo da AVIB para que os educadores façam Curso Superior. Tal reivindicação tem sido apresentada nos Encontros Nacionais e Regionais do MOVA/Brasil, conforme já relatado neste trabalho. O Governo Federal na última década tem favorecido o incentivo à formação superior por meio do PRO-UNI e de financiamentos educacionais. Mas, essas iniciativas não dão conta de atender

à realidade de tantos educadores que precisam da formação superior. A AVIB dentro de suas possibilidades ajudou, concretamente, com bolsas de estudo para duas educadoras que cursaram Pedagogia.

A utilização de mídias modernas, proposta por um educador, é uma discussão interessante, um desafio importante a ser alcançado; também uma preocupação constante apontada nos relatórios dos últimos encontros nacionais, estaduais, regionais, municipais do MOVA/Brasil e conseqüentemente do MOVA/SP. Existem algumas tentativas de aproximação com o mundo da informatização, das mídias digitais, mas ainda são iniciativas tímidas que precisam ser aprimoradas. Os educadores da AVIB têm frequentado esporadicamente o laboratório de informática da DRE; são incentivados a fazer parceria com os telecentros mais próximos dos locais de alfabetização, mas encontram muitas dificuldades, uma vez que funcionam somente até as 20 horas.

O cantinho de leitura em cada núcleo é outra preocupação indicada por um dos educadores. Conforme visita aos núcleos, o que normalmente tem sido uma prática comum é a iniciativa dos educadores em promover a socialização de livros didáticos, histórias em quadrinhos, enciclopédias, jornais, romances e outros materiais colocados à disposição da classe pelo educador ou até a organização de uma pequena biblioteca que os próprios educandos ajudaram a organizar. Sem dúvida, essa reivindicação da criação de um cantinho de leitura é muito importante, pois estimula o gosto pela leitura e o incentivo à iniciação de sujeitos leitores.

A utilização de mais dinâmicas é uma sugestão importante para reforçar a ne-



cessidade de aprimorar uma metodologia mais envolvente em conformidade com um dos objetivos específicos do MOVA/SP, segundo São Paulo (2001, p. 03), quando afirma que cabe aos educadores “alfabetizar a partir de uma metodologia dialógica e conscientizadora, inspirada na pedagogia libertadora”. Tal metodologia sugere envolvimento, participação, dialogicidade, criatividade e dinâmica.

Estudar a alfabetização de jovens e adultos é outra proposta suscitada por um educador. Ler, estudar e discutir em grupo ou coletivamente os escritos de Paulo Freire, Álvaro Pinto e de outros educadores, pode ser um encaminhamento oportuno para o cronograma de formação. Outra possibilidade interessante com base nessa colocação poderia ser a formação de grupos de estudo, que programassem momentos formativos para além dos encontros de sexta-feira. A alfabetização de jovens e adultos é um assunto que requer estudo e aprofundamento. Freire (1987, p. 111) aponta esse desafio:

Para ser um ato de conhecimento, o processo de alfabetização de adultos deve, de um lado, necessariamente envolver as massas populares num esforço de mobilização e de organização em que elas se apropriem, como sujeitos, ao lado dos educadores, do próprio processo. De outro, deve engajá-los na problematização permanente de sua realidade ou de sua prática nesta. (FREIRE, 1987, p.111).

Outro destaque sugerido por um dos educadores é a necessidade de maior inserção nos Movimentos Sociais. O diálogo, a interação e a parceria com outros movimentos de alfabetização, com um trabalho na educação popular, devem ser uma constante; bem como a inserção nos movimentos locais atuantes na reivindicação de questões sociais, conselhos populares de educação, saúde, transporte e outros,

permitem que os educadores sintam-se partícipes dos problemas coletivos e assim possam despertar essa consciência nos seus alfabetizadores. Esse caminho de militância é incentivado por Arroyo (2001, p. 275):

Os educadores para Paulo Freire foram os movimentos sociais. O que fazer então para que o projeto popular seja educativo? Troca de experiências (mostrar o que já se faz o que já somos, as nossas lutas); temos importantes sujeitos coletivos educativos (os movimentos sociais), temos que explorar suas potencialidades, torná-los cada vez mais pedagógicos. (ARROYO, 2001, p.275).

O fortalecimento do trabalho coletivo é lembrado por um educador. Esta é uma tarefa imprescindível no processo de formação continuada do MOVA, pois, sem a participação de todos os envolvidos, o trabalho fica comprometido. É o que afirma Ferreira (1996, p. 63) ao tratar dessa questão: “(...) apostamos no movimento coletivo de reflexão da prática, nos encontros de formação permanente do educador... no processo construtivo do pensar e do fazer pedagógico”.

E, por fim, um educador observou a necessidade de mais informações nos encontros de formação às sextas-feiras. É importante observar, conforme apontado por Ribeiro (1996, p. 82), que existe uma variedade de materiais, documentos, escritos que podem contribuir tanto para o processo de formação dos educadores, como no cotidiano, no qual acontece a alfabetização de jovens e adultos:

No mundo letrado de hoje, há uma enorme variedade de material escrito: os mais diferentes tipos de veículos de leitura (documentos pessoais, indumentárias com que nos vestimos, jornais, revistas, boletins, cartões, livros de literatura, livros científicos, livros didáticos) e há os



diferentes tipos de conteúdos impressos (logotipos, logomarcas, anúncios de propaganda, rótulos, avisos, placas, bilhetes, cartas informais, comunicados formais, notícias, contos, bulas de remédios, provérbios, quadrinhas, parlendas, adivinhações, slogans, piadas, crônicas, poesias, cartuns, quadrinhos, gráficos estatísticos, ditados populares escritos nas carrocerias dos caminhões, receitas culinárias, frases escritas nas paredes das ruas, romances, textos informativos, literatura de cordel). São muitos os tipos de leitura que a vida social oferece ao usufruto. (RIBEIRO, 1999, p.82).

Portanto, o desafio colocado para o grupo de coordenadores e educadores diz respeito ao exercício contínuo de momentos formativos; e o exercício de socialização de informações, o que está acontecendo no bairro, na cidade, no país e no mundo e como fazer a leitura dessas realidades para que o processo formativo seja contínuo e permanente.

Nessa perspectiva, a AVIB incorpora a proposta de Paulo Freire, pois a formação de educadores é compreendida como um processo que ajuda na efetivação de práticas que possibilitam a transformação social. Para Freire:

A formação enquanto ato de conhecimento, não apenas deve centrar-se no ensino de conteúdos, deve desafiar o educando a aventurar-se no exercício de não só falar da mudança do mundo, mas com ela realmente comprometer-se. Por isso, para mim um dos conteúdos essenciais e qualquer programa de formação é o que possibilita a discussão à natureza mutável da realidade natural como a história e veem homens e mulheres como seres não apenas capazes de se adaptar ao mundo, mas, sobretudo de mudá-lo. Seres curiosos, atuantes, falantes, criadores (FREIRE, 1996, p. 43).

A formação continuada dos educadores do MOVA da AVIB tem levado em con-

ta a realidade social, política, cultural de seus educadores e educandos, dialogando com os diferentes desafios e experiências vividas por esses protagonistas, contextualizada na visão de educação popular, que apresenta exigências a esse educador, sobretudo no campo da competência científica e da sensibilidade para com a realidade, pois segundo (FREIRE, 2003), "uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadores e educadoras pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares". (p.27).

Conforme sistematizou Di Giorgi (1987), as principais características de um processo educativo de educação popular são:

- Valorização da cultura popular;
- Participação dos educandos na formulação dos objetivos e dos métodos;
- Afirmação do caráter político da educação;
- Ênfase na metodologia;
- Proposta de partir sempre da realidade de vida dos participantes;
- Ligação entre a aprendizagem e a organização, entre reflexão e ação político-social das camadas populares;
- Dialogicidade;
- Trabalho em grupo e estímulo a autoestima e desinibição;
- Prioridade à organização de base.

A educação popular é entendida como um processo permanente de refletir e de



mobilização dos objetivos dos próprios sujeitos nas situações sociais. A prática educativa não se prende à burocratização escolar, mas desde que os atores compreendam seu papel político, agem de forma mais consciente. Assim, o educador precisa no seu processo de formação ter um bom preparo, pois na pedagogia freiriana o educador é responsável por superar o senso comum dos grupos com quem atua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa busca resgatar características do MOVA/SP, observando a trajetória empreendida ao longo da história recente brasileira dos projetos ou programas de educação de jovens e adultos e o combate ao analfabetismo. Não é possível realizar tal estudo sem recorrer ao trabalho do educador Paulo Freire - uma das maiores referências bibliográficas para a compreensão e realização dessa tarefa. Assim sendo, é preciso considerar que o MOVA/SP organizou-se a partir de experiências de educação popular que aconteciam em diferentes bairros da cidade, nas quais as propostas de Paulo Freire já eram debatidas e utilizadas. Quando implantado oficialmente, o Movimento percorreu um longo caminho de consolidação até tornar-se uma política de governo.

Faz-se necessário apontar algumas inquietações e desafios quanto à formação de educadores do MOVA. Tem-se observado que existem muitas lacunas no processo de formação, porque muitas vezes essa formação é planejada e sistematizada em movimento exógeno, formulada por órgãos centrais que desconsideram a dinâmica interna o grupo em questão.

Outro limite tem sido a própria precariedade dos planejamentos de formação, certa improvisação, aliado à falta de recur-

sos financeiros e técnicos, pois a Secretaria Municipal de Educação – por meio das Diretorias de Ensino Regionais - não tem investido adequadamente nesse processo, delegando às Entidades Conveniadas essa tarefa. Muitas vezes, a formação contínua dos educadores tem se resumido na capacitação inicial, carecendo de um processo mais organizado e estruturado que dê conta de permitir uma continuidade.

Essa descontinuidade no processo formativo, a rotatividade de educadores – a troca tem sido uma constante, uma vez que a ajuda de custo é pouco significativa, cerca de um salário mínimo – bem como a dificuldade nas leituras exigidas e na reflexão em torno dos problemas cruciais que atingem os alfabetizados têm sido alguns dos aspectos que merecem ser avaliados de forma mais acurada.

Ao analisar a voz dos educadores é possível estruturar algumas indicações a respeito da necessidade do redimensionamento do processo formativo ofertado pela AVIB, tais como: a utilização de uma metodologia mais participativa, ampliando as dinâmicas de grupos, as oficinas temáticas e promovendo maior aproximação com o mundo da informatização. É possível verificar também a necessidade de favorecer momentos formativos para além daqueles realizados semanalmente, tais como a participação em cursos de formação organizados pelo Fórum MOVA/SP, pela própria Secretaria de Educação ou mesmo de iniciativas dos próprios educadores, ao propor grupos de estudo e de pesquisa em busca de refletir, discutir, dialogar com outros educadores populares e mesmo da rede municipal.

Outro desafio a ser considerado na formação de educadores diz respeito ao exer-



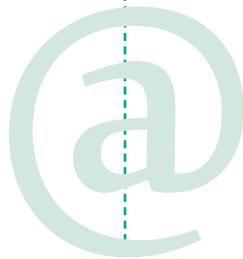
cício constante de análise da conjuntura política e educacional em que se está inserido, o que exigirá uma postura cotidiana e crítica de quem se coloca como protagonista de uma educação conscientizadora.

Brandão (1984), um atuante defensor e autor de muitos trabalhos sobre educação popular, ao falar em entrevista sobre o MOVA, aponta o papel a ser desempenhado pelos educadores,

O educador popular tem um diferencial a mais, quer dizer que ele é um educador que não pode deixar de ser ele mesmo um sujeito consciente e crítico, ou seja, ele além da competência da habilitação profissional, técnica profunda, tem que ter uma postura que o diferencia, por exemplo,

de um simples alfabetizador de uma paróquia católica, uma igreja evangélica, ou associação que apenas trabalha a dimensão técnica. O educador popular é alguém que torna a alfabetização como o primeiro passo de uma coisa muito mais complexa, séria e transformadora. (BRANDÃO, 1984, p.47).

A questão da educação de jovens e adultos tem sido um capítulo importante da educação brasileira, ou seja, o estudo em desenvolvimento é mais uma das contribuições para compreender a importância da formação dos educadores populares e de que forma essa questão deve estar contemplada nas agendas governamentais e nos movimentos da sociedade civil organizada.



NOTAS EXPLICATIVAS

- 2 Por educação libertadora, entende-se uma educação que propicie a emancipação e a constituição da criticidade e autonomia dos sujeitos - FREIRE, P. A educação na cidade: São Paulo: Cortez. 2001.
- 3 Ver: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 03/04/2010.
- 4 Em Guaianases a taxa de analfabetismo é 7,7%, enquanto a média da cidade é de 4,88% das taxas de defasagem escolar. Ver: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>. Acesso em 12/03/2010.
- 5 Parte do questionário feito junto aos educadores e coordenadores do MOVA/AVIB que contribuiu para uma análise mais aprofundada da atuação e formação desses educadores no processo de formação continuada, está na íntegra na dissertação de mestrado.



REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Paulo Freire e o projeto popular para o Brasil In: FREIRE, P. *Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

BRANDÃO, C. R. *Saber e ensinar: três estudos de educação popular*: Campinas: Papirus 1984.

DI GIORGI, C. A. G. *O paradigma da educação popular e suas vertentes*. 1987. (Dissertação). São Paulo: PUC SP, 1987.

DUSSEL, E. *Para uma ética da libertação latino-americana, acesso ao ponto de partida da ética*: São Paulo: Loyola. 1977.

FERREIRA, M. J. V. *Educação de jovens e adultos a experiência do MOVA-SP: princípios político-pedagógicos do MOVA-SP*: São Paulo: Instituto Paulo Freire. 1996.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*: São Paulo: Paz e Terra. 1987.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*: São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, P. *A educação na cidade*: São Paulo: Cortez. 2001.

FREIRE, P. *Política e educação: ensaios*. 7.ed. São Paulo: Cortez. 2003.

KUNRATH, J. L. *A formação de educação do MOVA/SP no contexto de educação popular*. 2006. (Dissertação). São Paulo: PUC SP, 2006.

LOPES, C. *AVIB 15 anos cordel social da AVIB*: São Paulo: AVIB. 2010.

MACENA, C. *De olho na educação, 20 anos de história e frutos do MOVA/SP*: São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo. 2009.

MARTINS, Â. M. Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio: uma avaliação de documento. *Cadernos de Pesquisa*, n. 109, p. 67-87, março 2000.

PONTUAL, P. *Desafios pedagógicos na construção de uma relação de parceria entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão Luiza Erundina: a experiência do MOVA/SP 1989-1992*. 1996. (Dissertação). São Paulo: PUC SP, 1996.

RIBEIRO, V. M. A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico. *Educação & Sociedade*, v. 20, n. 68, p. 184-201, dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000300010&nrm=iso>.

SANTOS, E. M. Programa MOVA/SP parceria entre estado e movimento popular. In. *Educação de jovens e adultos a experiência do MOVA/SP*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996.

SÃO PAULO. *Prefeitura do Município de São Paulo. O que é MOVA/SP: documento base, outubro de 1989: lançamento oficial do Projeto MOVA/SP*: São Paulo: PMSP. 1989.

SÃO PAULO. *Prefeitura do Município de São Paulo. Construindo a avaliação do MOVA-SP*: São Paulo: PMSP. 1992.

SÃO PAULO. *Prefeitura do Município de São Paulo. Projeto político pedagógico do MOVA/SP*: São Paulo: PMSP. 2001.

SÃO PAULO. *Semana de alfabetização MOVA-SP*: São Paulo: PMSP 2010.

RECEBIDO em 05/11/2013

APROVADO em 14/12/2013